

O infante D. Henrique

I

Foi o decimo quinto seculo um dos mais notaveis na historia da civilisação moderna. A Europa, rejuvenescida, começou a estender os olhos por mais longos horisontes; a politica dos estados principiou a assentar regras menos obscuras, ligando-se os reis e os povos com relações mais intimas e mais seguras. As sciencias e as letras, por tanto tempo confusas e quasi adormecidas, renasceram, ou renovaram-se; as artes, filhas do gosto e da cultura intellectual, encontraram na Italia a segunda patria, que buscavam para florescerem. Immensa actividade anima as sociedades e estimula os individuos; desabam com estrondo, ou esphacelam-se alluidas, as cidadellas feudaes; os municipios affirmam com ousadia as proprias immunidades; as monarchias, valendo-se do seu apoio, cobrem-se com o escudo popular na lucta com as classes privilegiadas. Principes distinctos e homens insignes resumem as idéas novas em todas as provincias do saber, em todas as manifestações do progresso. Herdeiro de um passado cuja expressão era a variedade, fadado a abrir as portas a todas as conquistas do pensamento, precursor das profundas revoluções do espirito que trilharam os caminhos para a revolução de 1789, o decimo quinto seculo desapparece, deixando gravada uma das paginas mais admiraveis. Bastariam para o illustrar suas navegações e descobrimentos, se tantos rasgos e arrojos diversos o não louvassem.

A Portugal coube em sorte ser um dos primeiros, se não o primeiro, na carreira que elle apontou. Limitado no periodo anterior a dar o exemplo do que póde a vontade de um reino pequeno, mas resoluto, quando quer e sabe conservar-se livre, em 1415 vê raiar a aurora dos futuros para que a Providencia o predestinára, conquistando Ceuta, e pagando na terra africana a divida Tareck e dos invasores da Peninsula. Em Aljubarrota escrevêra pela mão de D. João I e de Nuno Alvares Pereira a carta gloriosa de sua independencia; trinta annos depois, passando o estreito, e arvorando as quinas nas ameias da cidade de Salat-Ben-Salat, deu o primeiro passo na estrada que o levou tão longe, que lhe grangeou brazões tão invejados, e a que deveu o titulo, sem egual, de sua curta mas prodigiosa influencia nos destinos do mundo.

Quando se contemplam os feitos prodigiosos de um reino tão resumido em população e territorio, de uma faixa tão estreita de terra apertada entre o Oceano e o vulto colossal da Hespanha, sente-se sincero orgulho em ser filho do seu berço e descendente de seus heroes. Esquecemos as sombras actuaes e deslumbram-nos os esplendores do passado! Se olhâmos para a Africa, vemos os muros de Ceuta, de Arzilla e de Tanger rotos e voados, inscrevendo com o sangue de seus cavalleiros as memorias de cem triumphos; se dilatâmos a vista pela extensão immensa das aguas, resuscitam para nós aquelles intrepidos navegadores, que nos seculos XV e XVI, em periodo tão breve, avassallaram os mares; dobraram o cabo da Boa Esperança; descobriram, conheceram, descreveram e occuparam em sua vasta circunferencia todas as costas de Africa, e depois na Asia, alargando o nosso imperio, dominaram uma superficie de mais de oito mil legoas, dictando leis a trinta e tres reinos tributarios!

Não ignorâmos o que nos custaram conquistas tão pouco proporcionadas com o poder. Tentámos o impossivel, vencemol-o por annos, mas por fim succumbimos. Tivemos os régulos asiaticos como vassallos a nossos pés, e as potencias da Europa como supplicantes em nossos portos; fizemos armadas, que hoje parecem fabulosas; desbaratámos multidões, cujo numero espanta; fechâmos em nossas mãos as chaves dos mares e do commercio do Oriente. N'esses dias

o nome dos capitães portuguezes era mais temido que o nome dos maiores capitães romanos. Passou como sonho esta grandeza. Declinámos mais rapidamente ainda do que subimos. Lançou-nos ferros o oiro de Castella; enfraqueceram-nos, corrompendo-nos, as delicias e riquezas orientaes; repartiram entre si as nações sobre o sepulchro em que agonisámos sessenta annos, a purpura e os membros dilacerados d'aquelle poderoso estado; mas se as vicissitudes politicas, se as perfidias, se os infortunios nos precipitaram, e se do que fomos e podémos salvámos apenas do naufragio pouco mais do que recordações, sobejam ellas para nos merecerem a admiração, que só nos poderão negar os que nunca leram a historia, ou os que, por invejosos, até as datas desejariam apagar dos annaes do mundo, para nos riscarem o nome das taboas de bronze aonde a verdade o immortalisa.

Os descobrimentos dos portuguezes, assignalados por mil victorias, abraçam por um lado a parte oriental do novo continente, e pelo outro abrangem desde a costa oriental da Africa ate á peninsula de Malaca e até ao grande archipelago das Molucas. Seguravanos a obediencia de tantos dominios uma extensa linha de presidios e de fortalezas. Contra muitas d'ellas vieram quebrar-se por vezes, em ondas tumultuosas, os barbaros e os infieis, que o odio religioso e a ira da sujeição arremessavam contra os fracos muros de que nossos peitos foram quasi sempre a melhor, se não a unica defesa. As feitorias erguiam-se em todas as estações importantes das costas. Os cartazes dos capitães da India abriam e cerravam todos os mares. Que nação com progressos tão rapidos obrou maravilhas eguaes, ou se elevou pelo seu valor e energia tão depressa ao auge das prosperidades?! Que espectaculo digno de admiração não patenteia a transformação, quasi momentanea, de um dos mais pequenos estados da Europa, tornado em reino poderosissimo, mudando a posição commercial da Europa e da Asia, offuscando Veneza, abatendo as maiores potencias, e realisando uma revolução immensa em todo o globo pela revelação do antigo ao novo mundo e pelas relações mercantis dos povos mais remotos, ignorados e separados uns dos outros até então pelas distancias?!

Sem tradições anteriores e sem exemplos presentes que os guiassem, obraram os portuguezes tudo isto. Filhos unicamente de suas obras, dois fachos os alluniavam em todas as emprezas — a fé e a intrepidez! Arando tantos mares, visitando tantas raças, várias na indole, desvairadissimas nos usos e costumes, levaram ao seio de todas a industria, o commercio e a civilisação. Pertence a gloria e o louvor do assignalado feito ao principe de espiritos altissimos, vida e alma das primeiras navegações, de que era ao mesmo tempo mestre e inspiração. Tinha-lhe negado a Providencia um throno para o desopprimir outros cuidados, e para lhe aplanar talvez mais faceis os caminhos. Dotára-o Deus de engenho elevado, de constancia e de vontade firme para, ajudado de prendas tão raras, conceber e executar os vastos planos que sublimaram o seu nome. Cavalleiro, cortou-lhe a gloria ao sair da puericia e na juventude os loiros guerreiros, para mais tarde lhe cingir na fronte a coroa rostral, querendo que todos o tivessem por modêlo acabado das perfeições da epocha, vendo-o unir ás palmas de soldado os trophéos de navegador, á doutrina a jerarchia, ao arrojo a auctoridade.

Se o infante, filho do mestre de Aviz, pelo respeito e veneração da pessoa, não realçasse a nobreza do sangue, nunca as caravelas que saíam por sua ordem de Sagres a arrostar os perigos e tormentas do mar tenebroso teriam ousado chegar tão longe. Animados de seus estimulos, escutando a grande voz que mesmo de longe lhes bradava — ávante!, é que ellas se adiantavam, descobrindo em cada anno, e depois quasi em cada mez, aguas, ilhas e costas, que o véo dos tempos escondêra por tantos seculos. Sem elle, sem as suas fadigas, sem a sua viva crença na sciencia e no porvir, nenhuma se offereceria de certo a devassar os segredos do Oceano, affrontando os terrores erguidos á entrada d'aquellas solidões com o livido espectro da morte. Seus irmãos foram dignos todos do nome glorioso do pae, e para sobresair no meio d'elles D. Henrique necessariamente havia de recommendar-se por qualidades singulares. Se el-rei D. Duarte, como escriptor, se lhe avantajou, se o infante D. Pedro, como politico, se lhe antepoz, qual d'elles póde, todavia, ser-lhe comparado, na serena audacia das resoluções, na grandeza dos planos, e na constancia inalteravel com que seguiu e desenvolveu a fecunda idéa que se tinha apoderado do seu espirito, e na qual uma luz interior e prophetica lhe mostrava a origem das futuras prosperidades de Portugal?

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

CLAUSTRO DO SILENCIO, NO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA

AS ARTES NO REINADO DE D. DINIZ

(Conclusão. Vid. pag. 33)

O claustro do Silencio no mosteiro de Santa Maria de Alcobaça é uma obra magnifica, não só em relação ao tempo em que foi feita, mas até relativamente a este em que vivemos.

Não ostenta esse luxo de ornatos com que já n'essa era se iam ataviando por essa Europa os edificios gothicos. Em Portugal começava então o estilo gothico a libertar-se das ligações que o prendiam, desde a sua introducção no paiz, ao velho estilo bysantino, e á architectura arabe. Caminhava, por conseguinte, com passos já bem definidos para a sua pureza. E em taes circunstancias a singeleza e severidade deviam ser forçosamente as suas feições caracteristicas.

O architecto comprehendeu e desempenhou cabalmente a missão que lhe impunha o progresso regular da arte. Ao mesmo tempo que attendia, nas formas externas do monumento, ás prescripções da nova phase da architectura, executava as regras geraes e fundamentaes da arte de construir, quaesquer que sejam as eras, os paizes e os estilos, dando ao edificio tal solidez, que, não obstante estarem pesando sobre as suas abobadas mais de cinco seculos e meio, e terem-lhe abalado os fundamentos numerosas convulsões do solo, ainda hoje nos está testimunhando a sua excellente construcção.

O archictecto que a delineou e dirigiu, e que tanto honra os artistas nacionaes, chamava-se Domingos Domingues. Para se poder ajuizar devidamente do seu talento, não basta o conhecimento e apreciação do monumento que concebeu e executou; é preciso tambem conhecer e comparar com este as obras do mesmo genero e estilo architectonico, construidas em o nosso paiz anteriormente á fundação do referido claustro. Distinguem-se facilmente as construcções a que alludimos pelas columnas pequenas e duplicadas que sustentam cada arco. Esta feição, mais que o feitio e lavores dos capiteis das mesmas columnas, é que revela o periodo da arte em que taes claustros foram edificados.

Na Italia, na Allemanha e na França principiou esse periodo na entrada do seculo XI. Na Hespanha e em Portugal teve começo no seculo XII. Não cause estranheza este longo espaço de tempo decorrido antes que se introduzisse na Peninsula aquelle uso. Em razão da nossa situação geographica, e de outras circunstancias que nos conservavam afastados do movimento

artistico que lavrava no centro da Europa, raras vezes nos chegavam no mesmo seculo as transições ou simplesmente modificações, que se iam operando nas artes nos paizes mais adiantados.

Apesar dos diversos e poderosos elementos de destruição que entre nós tem conspirado, desde remotas eras até hoje, contra os monumentos da antiguidade, ainda se encontram no reino não poucos claustros dos seculos XII e XIII, principalmente nos mosteiros mais antigos da provincia do Minho. Pois todos esses claustros, á excepção do do mosteiro de S. Thyrso [1], attestam a superioridade de construcção do claustro de Alcobaça. Uns tem os lanços cobertos de abobada de pedra, outros de tecto travejado, de madeira, com fôrro ou de telhavã; mas todos elles mostram na pouca altura da abobada ou tecto, no tosco e desengraçado dos artezões d'esta, nas proporções excessivamente acanhadas dos arcos e das columnas duplicadas que os sustentam, e, em fim, nos grosseiros lavores dos capiteis, ainda dando desconto á qualidade da pedra, um atrazo na architectura e na esculptura muito grande, comparativamente com o estado de adiantamento artistico que se revela no claustro de Alcobaça. E quanto a solidez de construcção tambem aquelles são muito inferiores a este, não bastando a sua antiguidade para lh'a comprovar, pois que, quem os observar com attenção, ha de convencer-se de que se taes edificios estivessem fundados em um solo tão sujeito aos terremotos como este da Estremadura, ha muito, provavelmente, que seriam montões de ruinas.

Dos cinco claustros que ha no mosteiro de Alcobaça o mais antigo é o do *Silencio*. E pois que este nome indicava preeminencia, porque os preceitos monasticos mandavam guardar silencio nos claustros em que a communidade tinha de exercer actos religiosos, suppomos que foi edificado no logar em que o fundador do mosteiro, el-rei D. Affonso Henriques, construira o claustro principal, que el-rei D. Diniz desfizera, ou por estar arruinado, ou por não ter a capacidade que o augmento successivo da communidade requeria.

Os lanços ou galerias do claustro são formados por mui largas arcadas de cantaria, e cobertos por abobadas de pedra tambem artezoadas. Cada arco é dividido por tres arcos pequenos e ogivaes, que sustentam o tympano ou bandeira do arco grande, que lhes serve de caixilho. No meio do tympano ou bandeira, que é de cantaria lisa, abre-se um olhal redondo, formado de diversas molduras, que o vão diminuindo até encaixilharem uma renda de pedra, a modo de estrella, através de cujos raios passa a luz. Os tres arcos pequenos são sustentados por columnas duplicadas, isto é, duas de cada lado. Nos arcos das extremidades de cada lanço ou galeria assentam as quatro columnas centraes sobre umas pequenas bases que poisam no chão, de maneira que deixam os tres arcos livres, como porticos, para darem entrada para o terreiro, que foi jardim, em volta do qual correm as mesmas galerias. Nos outros arcos assentam as bases das columnas em cima de um muro ou sócco de cantaria, que terá um metro de altura, ou pouco mais, e que faz com que as columnas tenham metade da altura d'aquellas que formam os referidos porticos. Os capiteis mostram alguma variedade de lavores, representando pela maior parte folhagens.

A abobada é singela e bem lançada. Aos seus artezões servem de estribo misulas, que resaltam das paredes interiores e dos pilares que dividem as arcadas.

Não consta o anno em que teve principio este claustro; sabe-se apenas que foi um dos ultimos do seculo XIII. Porém a continuação da obra entrou pelo seculo seguinte, pois que a cruz da ordem de Christo, que se vê esculpida entre laçarias no vão do ultimo arco da parte de léste, prova que se concluiu o edificio depois da extincção da ordem dos templarios e da creação da ordem de Christo por el-rei D. Diniz, o que se verificou no anno de 1320.

Em quanto o mosteiro foi habitado conservou-se este claustro em bom estado, graças ao cuidado com que os frades obstavam á infiltração das aguas da chuva nas abobadas, e ao desenvolvimento da vegetação nos intersticios da cantaria. Porém o abandono em que ficou depois da extincção das ordens religiosas, em 1834, tem-lhe causado estragos que começam a acarretar-lhe breve ruina, se os poderes publicos não tratarem de conservar o monumento por tantos respeitos digno de apreço e veneração.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 237 do vol VI.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 35)

Um murmurio lisongeiro acolheu as palavras do conde da Ericeira, e o mesmo D. João, inclinando-se graciosamente, disse:

— Não me sinto com forças de combater com tão destro adversario nas justas do Parnaso. A Caetano Sou'o-Mayor, vosso confrade em Apollo, conde da Ericeira, deixo o encargo de me substituir. Condessa, quer ser minha companheira na retirada? Fujamos d'estes cultos elogios, que conturbam a sua modestia de senhora e a minha insufficiencia de profano.

E, offerecendo a mão á condessa, entrou com ella n'uma das alamedas da tapada, onde as sombras ainda não tinham sido afugentadas pelos raios do sol, que a muito custo se insinuavam por entre a verdejante rede da folhagem das arvores, que principiavam a copar-se aos primeiros sopros da primavera, mais temporã n'esse anno.

Os cortezãos sorriram-se maliciosamente uns para os outros; o Camões do Rocio esfregou as mãos mal os viu desapparecer na umbrosa alameda, e disse, voltando-se para D. Francisco Xavier de Menezes:

— Não me leve a mal, sr. conde, que lhe eu diga que, visto sua magestade se ter dignado escolher-me para substituto, antes queria ser seu representante junto á pessoa de Diana, do que junto á pessoa do mesmo Apollo do Parnaso lusitano.

E o Camões do Rocio, descendo os oculos para a ponta do nariz, relanceou por cima dos vidros um olhar magano para as pessoas que o rodeavam, e que desataram a rir.

Entretanto el-rei, depois de ter entrado na alameda, foi afrouxando o passo pouco a pouco, e, tirando o chapeo e lançando-o para baixo do braço, segundo o costume havia pouco adoptado pelos *raffinés* da corte de França, disse galantemente, inclinando-se para a formosa condessa de San-Pablo, que, sobraçando a longa sáia do seu vestido de amazona, caminhava ao seu lado modestamente, mas sem affectações de timidez:

— Acertado foi o conde da Ericeira quando a comparou a Diana, condessa, porque não só na formosura se lhe assimilha, mas nas esquivanças tambem.

— Vossa magestade esquece, levado pela nimia indulgencia com que se digna tratar-me, acudiu risonha a condessa, que, sendo eu casada, não posso por fórma alguma assimilhar-me á deusa virginal que persegue com o arco eburneo as feras dos bosques e das montanhas.

— Ditoso se póde considerar o homem, tornou el-rei um pouco despeitado e orgulhoso, cuja imagem occulta a seus olhos o vulto do rei de Portugal curvado perante a formosura d'elles. Mas, continuou D.

João v voltando ao tom galanteador, parece-me que, se estivesse ao nosso lado o conde da Ericeira, ainda encontraria resposta. A deusa da noite é, se me não engano, triplice deusa: Lua no ceo, na terra Diana, Hecate no inferno. N'essas regiões sombrias tem por marido o triste deus do Tartaro. Seja, pois, Diana em terras portuguezas, e não pense no carrancudo Plutão.

— Ainda que assim o fizesse, respondeu a condessa, sorrindo-se com um sorriso um tanto contrafeito, parece-me que havia outro obstaculo. O conde da Ericeira, dando-me o titulo de Diana, qualificou de Apollo vossa magestade. Vale-me isto, se a minha mythologia me não falha, uma inesperada honra. Somos irmãos, portanto.

— Quanto eu preferiria, condessa, disse D. João v em voz baixa, ser o pastor Endymião, que a luminosa deusa vae procurar, a horas mortas, á solidão dos bosques, para lhe poisar nos labios um beijo com um dos seus raios candidos, que argenteiam as verdes folhas do arvoredo!

— Um tão poderoso monarcha, tornou a condessa, não póde invejar a sorte de um humilde pastor.

— Quando a pastora é bella, continuou o rei, quem não desejaria depor-lhe aos pés a coroa, e mudar o sceptro no cajado do pegureiro.

E, curvando-se um pouco, D. João v ia a levar aos labios a formosa mão da condessa, apesar da resistencia com que esta lh'a procurava subtrahir, quando se sentiu um leve ruido nas folhas das arvores, que formavam um docel verdejante por cima da cabeça dos dois passeiantes solitarios, e um ramo de flores de larangeira, todo humedecido das perolas do orvalho e rescendendo fragrancias, caíu aos pés da condessa. El-rei abaixou-se, apanhou o ramo, e, entregando-o á hespanhola, estupefacta d'este inesperado successo, disse-lhe:

— Bem dizia affirmando não ser Diana; melhor diremos ser a Aurora, porque lhe nascem as flores diante dos seus passos. Do fundo da alma agradeço á incognita dryade que se não póde recusar a prestar homenagem á formosura que me captiva.

— Mas, meu senhor, tornou a condessa sem responder aos galanteios do monarcha, este ramo alguem aqui o atirou. Seguem-nos, espreitam-nos... o que julgarão de mim?

— E que hão de julgar, senhora condessa? — disse el-rei com um d'esses gestos á Luiz xiv, a que elle era tão affeiçoado; não está na companhia del-rei de Portugal, do primeiro fidalgo do reino? Repetirei o que já Eduardo iii disse: *Honni soit qui mal y pense.*

— Meu senhor, respondeu a dama de honor com firmeza, não sou nem desejo ser a condessa de Salisbury. Sou uma pobre mulher, a quem vossa magestade faz demasiada honra escolhendo-a para lhe prestar as suas homenagens. A *esposa do conde de San-Pablo*, continuou accentuando estas palavras, não é, creia-me vossa magestade, digna d'essa predilecção.

D. João v mordeu os labios raivoso, e, mal contendo a ira, exclamou, como se não ouvisse as palavras da condessa.

— Mas quem será o atrevido que ousa espiar o seu monarcha? Juro pela hostia...

Interrompeu-o a voz argentina de um sino de ermida, que vibrou docemente a pouca distancia, como um cantico da manhã, alegrada pelos raios do sol nascente. D. João v bateu na testa, e exclamou:

— Ah! Deus meu, que ainda hoje não ouvi missa, e já me esquecia que ordenára que ella se dissesse n'uma das ermidas da tapada [1]. Siga-me, condessa, continuou elle sêccamente; o couteiro-mór irá desencantar a dryade ou o fauno que se atreve a seguir á risca o seu papel mythologico, espiando o seu rei.

E deu dois passos para saír da alameda; mas depois, voltando atraz e desfranzindo os labios n'um sorriso galanteador, offereceu a mão á condessa e dirigiu-se para a clareira proxima, onde toda a corte o esperava.

Os raios do sol nascente doiravam a cruz da ermida e enchiam de luz a clareira. Ao verem apparecer el-rei, de cabeça descoberta, acompanhando a condessa, cessaram todas as conversações, e os cortezãos, descobrindo-se tambem, formaram-se em alas, procurando todos ficar de modo que dessem na vista a D. João v, o qual necessariamente havia de vir muito bem disposto.

Foram illudidas as suas esperanças. Sua magestade, disfarçando a custo o seu mau humor, abaixou a cabeça diante da gentil hespanhola, e, afastando-se d'ella, dirigiu-se para a ermida de sobr'olho franzido, relanceando a vista para um e outro lado como que procurando alguem. Mas, logo que notaram as nuvens que escureciam o sol, a cujos raios procuravam aquecer-se, os fidalgos mostraram tanto desejo de se esconder, como primeiro tinham mostrado de se tornar bem visiveis. Finalmente, D. João v parou defronte do conde das Galveias, couteiro-mór da tapada de Villa Viçosa, e, chamando-o, disse-lhe algumas palavras em voz baixa. Depois, sem fallar a mais ninguem, entrou na ermida. Toda a corte o seguiu em silencio.

O conde das Galveias deixou-se ficar á retaguarda, e, depois de terem entrado todos os cortezãos, dirigiu-se para a chusma dos moços do monte, e fez-lhes signal para que o seguissem. Deu-lhes algumas ordens em voz baixa, e logo um troço d'elles formou em torno da matta um cordão apertado, em quanto os restantes se internavam, atraz do conde, no mais denso do arvoredo.

Encostado tranquillamente a uma arvore distante, d'onde via tudo o que se passava, tomando o sol, que lhe afogueava o nariz, o nosso honrado Braz Mattoso seguia todas as scenas que descrevemos, fazendo as suas reflexões em voz alta, para aquecer a lingua, que ameaçava gelar-se no ceo da boca, apesar de uns copitos de aguardente que deitára abaixo antes de partir para a caçada.

— Pois, senhores, é guapa moça a tal que vinha com sua magestade... assim acompanhado, como diz o outro, não se me dava de me perder, ainda que fosse no pinhal da Azambuja... dá os seus ares d'aquella raparigota que andava ao lado do marquez das Minas pela Catalunha, e que lá ficou em Almanza [1]... bonita moça que era, destemida como um granadeiro, e montando com uma perfeição... Mas espera, continuou elle, pondo as mãos por cima dos olhos para os resguardar do sol, que diabo está o conde das Galveias a...?

Não póde continuar; um corpo estranho, desabando como um aerolitho em cima das costas do honrado Braz Mattoso, estatalou-o no meio do chão. Recobrando-se da primeira sopresa, o sota-cavallariço do duque de Cadaval ergueu-se enfurecido, bradando:

— Com mil dianhos... Raios o partam... Então os carvalhos de Villa Viçosa dão agora d'estas bolotas? Valha-te o diabo que eu já te digo.

E, sacando do espadim, ia a correr atraz de um vulto de homem, que se mettia no bosque fronteiro ao outro d'onde el-rei tinha saído, e que estava sendo cercado pelos moços do monte, quando estacou de subito ao ver esse vulto virar-se e pôr o dedo na boca para lhe recommendar silencio.

[1] A tapada de Villa Viçosa, que hoje, segundo julgo, está bastante descurada, era ainda n'esse tempo objecto da predilecção dos monarchas. Tinha o seu couteiro-mór especial, e alli se encontravam a cada passo, espalhadas por entre o arvoredo, casas de campo, ermidas, e mil galanterias. Havia tambem um grande lago onde navegava um bergantim para recreio das pessoas reaes. Não sei a que estará hoje reduzida toda essa magnificencia.

[1] Este facto é historico. O valente general andou na campanha da Catalunha acompanhado por uma formosa amazona, vestida de homem, que morreu ao seu lado em Almanza. Póde-se ver este facto citado no vol. iv da *Historia de Portugal*, traduzida do inglez, e annotada, por Antonio de Moraes e Silva.

— O meu D. Lu..., principiou elle.

— Cala-te, com a breca, murmurou a voz bem conhecida de D. Luiz de Mello, e a ninguem digas que me viste.

Braz Mattoso ficou estupefacto, e D. Luiz, insinuando-se por entre o arvoredo com soprendente agilidade, dirigiu-se para a ermida, murmurando entre si:

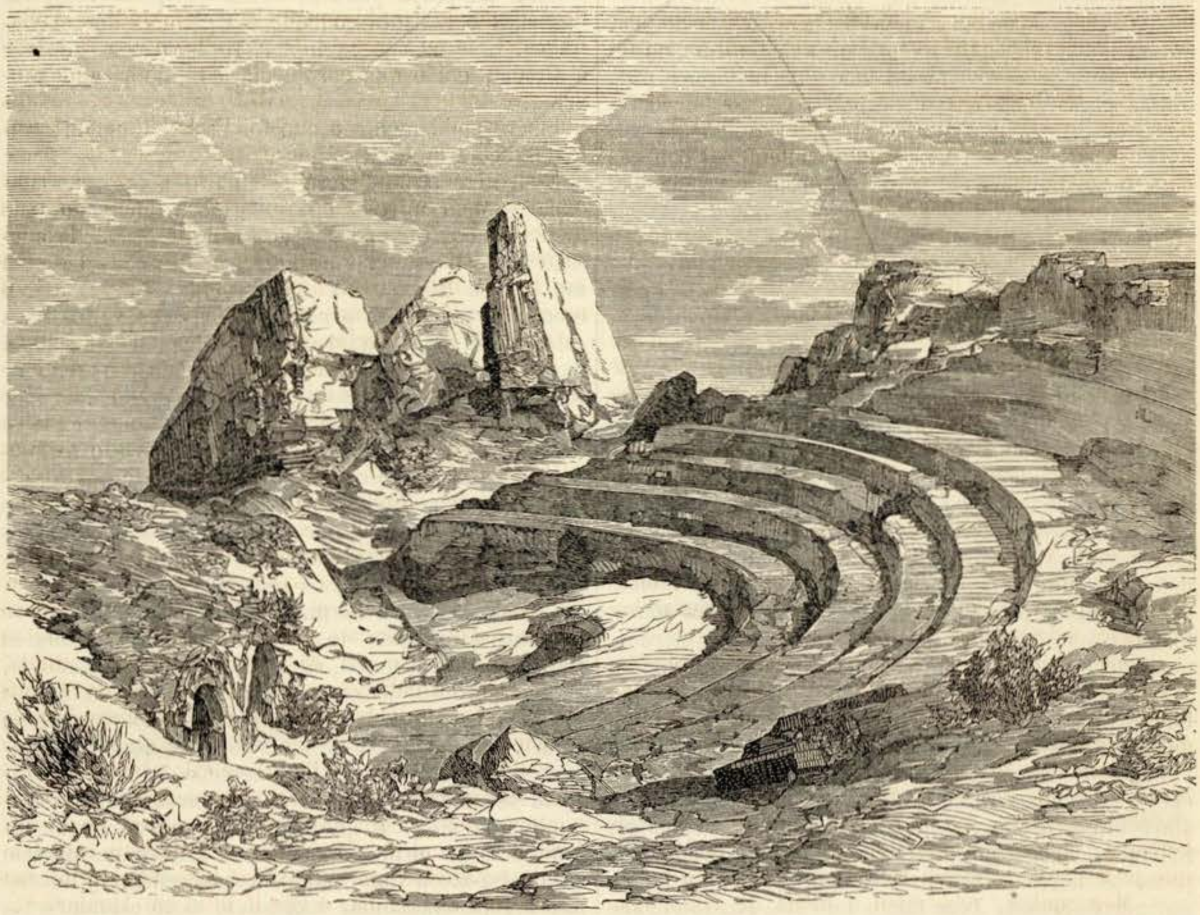
— Desastrado que eu sou! Com tanto gosto colho um ramo de flores de larangeira para lh'o offerecer a ella, e deixo-o cair como um parvo, assim que vejo el-rei a querer-lhe beijar a mão! Oh! mas a minha adorada condessa corresponde ao meu amor. Se assim não fosse, por que recusaria ella as homenagens de um tão poderoso monarcha?

E, fazendo desapparecer rapidamente do seu fato os vestigios da sua excursão aérea pela ramaria do arvoredo, insinuou-se na ermida, confundindo-se com a turba dos cortezãos, sem que reparassem n'elle os moços do monte, que andavam todos entretidos em bater o matto já depois de lhes ter fugido a lebre.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

AMPHITHEATRO DE ITALICA

No tempo em que a Peninsula Iberica estava sujeita ao dominio de Roma, florecia uma cidade importante com o nome de Italica, sentada agradavelmente em terreno elevado proximo da margem direita do Guadalquivir.



Amphitheatro de Italica

Ufanava-se da sua muita antiguidade, não havendo memoria da sua origem. Tambem se vangloriava de ter sido reedificada pelo valente e esforçado Scipião, o africano; de ter servido de berço a tres imperadores de Roma, Trajano, Adriano e Theodosio, e ao celebre poeta Silio Italico; e finalmente, de accrescentar a esses brazões os titulos de municipio e colonia romana, e de séde episcopal nos primeiros tempos da egreja christã.

Assim illustrada e protegida por estes soberanos, que, como bons filhos, não se descuidaram de engrandecer e ornar a sua cidade natal, Italica, vaidosa de todas essas honras e dos monumentos que a enriqueciam e aformoseavam, revia-se alegre no presente, e repoisava esperançada no futuro.

Volveram, porém, os seculos; caíu o imperio romano ao embate violento d'essas hordas de barbaros, vindas das regiões septentrionaes da Europa, e essas mesmas ondas, que derrocaram o colosso do Tibre, inundando e alastrando de ruinas a Peninsula Iberica, assolaram e destruiram a cidade de Italica. Os habitantes que escaparam ao furor do inimigo fugiram espavoridos para nunca mais voltarem, e os edificios derrocados vieram a servir de covil ás feras.

Correram de novo longos annos; e os invasores, já na posse pacifica de toda a peninsula, lembraram-se um dia de resuscitar a cidade de Italica. Foi o rei godo Leovigildo quem a mandou reconstruir e povoar. Mas, apesar de todo o seu poder real, não logrou dar vida ao corpo morto. Apenas conseguiu levantar uma pobre aldeia no logar onde jazia a cidade romana.

A aldeia lá foi crescendo pouco a pouco, com o nome de *Santi Ponce;* mas tão lentamente tem progredido, que não chega a contar ao presente 800 moradores. O seu melhor edificio é a parochia, unica d'esta povoação, a qual se acha estabelecida na egreja de um mosteiro da ordem de S. Jeronymo, situado em uma posição deliciosa, d'onde se desfructam lindas vistas do rio Guadalquivir, da cidade de Sevilha, que fica perto, e de várias aldeias e serras.

Apesar de dever a sua fundação a um rei, Santi Ponce seria uma povoação obscura, se lhe não dessem nomeada e attrahissem concurrencia uma grande feira e festa religiosa que ahi se fazem todos os annos, nos primeiros dias de outubro; e se não lhe resultasse alguma celebridade das reliquias da cidade romana, que ainda conserva junto de si.

Porém de tantas grandezas e memorias illustres não restam mais padrões que um amphitheatro arruinado, várias lapidas com inscripções, e alguns fragmentos dispersos de columnas, architraves, frisos com lavores, e outras esculpturas.

O amphitheatro de Italica era identico a todas as construcções d'este genero levantadas pelos romanos. Nas dimensões e riqueza do edificio é que consistia toda a differença. Até ao principio do seculo passado ainda o monumento de que tratámos mostrava bastantes vestigios da sua magnificencia architectonica. Porém n'essa epocha principiaram a demolil-o com tal ardor, para se aproveitarem dos seus materiaes para outras obras, que o reduziram ao estado que o representa a nossa gravura, sem signal algum das galerias e tribunas, e conservando sómente os degraus onde o povo se sentava para assistir aos espectaculos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DO THEATRO

(Vid. pag. 39)

Recordemos agora uma palavra dita ainda ha pouco: Eschylo e Shakespeare symbolisam a maxima altura a que podem subir os gigantes. Comecemos por Eschylo. Duas linhas apenas bastam para fazermos o esboço do homem; é do genio que devemos principalmente occupar-nos. A biographia d'estes semi-deuses da arte deixam-n'a elles gravada nos seus trabalhos herculeos. O que é pequeno e mundano, o que os prende á humanidade pelo barro humilde de que todos somos feitos, o que é sombra ou dúvida n'estes soes eternos, esvae-se e eclipsa-se ao esplendor da immortalidade.

Eschylo nasceu em Eleusis, na Attica, pelos fins da 63.ª olympiada, isto é, no anno 525 A. C. Aos trinta annos inscrevia elle o seu nome nos monumentos publicos de Athenas, entre o do chorega e do archonte eponymo, como triumphador no certame dramatico; cinco annos depois pelejava em Marathona, depois em Salamina, depois em Platéa, entretecendo na coroa de poeta os loiros ceifados no campo das nobres luctas da independencia. Tres annos antes da sua morte vemol-o em Géla, na Sicilia. Qual a causa d'este desterro voluntario ninguem o sabe ao certo. Alguem ousou affirmar que a gloria nascente de Sophocles lhe havia despertado a inveja, que o pae da tragedia grega se havia esquivado aos prenuncios de uma derrota. Loucura! Quando Sophocles balbucia os seus primeiros cantos, é quando Eschylo atira ao mundo com a sua enorme *Orestia* e se despede em seguida de Athenas. Que sombra poderia empanar a intensa luz d'aquella alma? que tinha elle a recear do novo luctador que lhe seguia o trilho, talvez mais brilhante nas armas, mais vistoso nas galas, mais gentil nos ademanes, mas nunca tão arrogante no gesto nem tão medonho nos golpes? Desgostal-o-hia o estado politico de Athenas? haveria n'isto relação com os mysterios de Ceres? Escusado é apalparmos nas trevas. Eschylo desterra-se para Géla, e morre com 69 annos, escrevendo a sua tragedia *Etna*. Pouco tempo antes havia elle feito a seguinte inscripção para o seu jazigo: «Aqui dorme Eschylo, filho de Euphorion. Nascido em Athenas morreu nos ferteis campos de Géla. Perguntae ás planicies de Marathona e aos Medas cabelludos se elle foi ou não valente. Elles vol-o dirão, que o viram.»

A memoria dos tempos heroicos, a recordação dos feitos de liberdade, parece haver dominado em sua alma tudo o mais que lhe era querido. O guerreiro sobreleva o tragico, o irmão de Cynegiro antepõe-se ao vencedor de Pratinas. É este apêgo ao passado glorioso da Grecia, esta saudade viva de uma grandeza extincta, que me faz ver unicamente no seu desterro um symptoma de entranhado desgosto pela decadencia de Athenas. A historia da sua morte, desde Valerio-Maximo até La Fontaine, é legendaria, ao que parece. O oraculo lhe havia dito que um golpe do ceo o mataria. Succedeu que uma aguia, fendendo o espaço, deixou cair de suas garras uma tartaruga, que preára, sobre a fronte calva de Eschylo. Esse craneo despovoado afigurára-se-lhe um rochedo. O poeta succumbiu. A esse tempo já Athenas lhe havia erigido uma estatua na praça publica, e um exemplar completo das suas obras fôra confiado á vigilancia dos magistrados. Esse mesmo exemplar, roubado por Ptolomeu á Grecia, era o que enriquecia a bibliotheca alexandrina.

Eis resumidamente o que foi Eschylo-homem; tratemos agora de Eschylo-deus.

Eschylo é o prodigioso estatuario antigo; as suas creações tem a rudeza do marmore queimado pelo fogo do ceo. Quando elle acaba de desbastar Prometheu e de o estatelar no Caucaso, formidavel e com um sorriso titanico nos labios, Phidias deixa cair o escopro e assenta-se pensativo. Nos seus vultos ha a sobranceria olympica; transuda d'elles um não sei quê de divino que amedronta e subjuga. Lendo-o, sente-se coar na alma um como que horror sagrado. Nas suas tragedias tumultua o abysmo. O que sobre ellas se debruça ouve o redemoinhar das ondas e o resfolegar do aquilão que as açoita. Accommette-nos a vertigem. Quer-se fugir, e a fascinação prende-nos, o atordoamento cresce, o ruido augmenta, os sentidos perturbam-se de todo, e quando a tempestade se dissipa é então que podêmos respirar, ainda a medo.

Clytemnestra é a Borgia da antiguidade. Foi sobre a monstruosa lenda dos Atridas que Eschylo fundou a *Orestia*. Agamemnon, de volta de Troya incendiada, entra victorioso no seu palacio de Argos. A esposa acolhe-o com a alegria perfida, com a dobrez de uma alma corrompida. Vê-se n'ella o tigre escondendo as garras. «Vem, Agamemnon, desce do teu carro. Oh! vê tu como as lagrimas se me seccaram; nem já derramo uma gota! E quantas noites passei eu de insomnia e de tormentos; e esses fanaes que deviam annunciar-me a tua vinda sem se accenderem nunca! Agora, após tamanhas angustias, sinto espraiar-se a minha alma, sim, á tua vinda, porque tu és o fiel cão da poisada, o cabo salvador do navio, a columna que sustem o edificio alteroso, o que o filho unico é para o pae, o que a terra para o desesperado navegante, o que a claridade do dia seguindo-se á escuridão da procella, o que é o manancial para o peregrino sequioso. Ó felicidade, em fim estás salvo!»

Pouco depois o poeta arranca de sobre ella o véo, e apresenta-a em toda a sua hediondez pavorosa. Clytemnestra é o Destino, é a lei de talião, é o direito de sangue entre os hellenos. Ergue-se com a consciencia do proprio crime, com a audacia feroz do genio dos Plisthenidas. Não encobre, não vacilla, não se escusa; cumpriu a lei antiga, essa lei tão eterna como Zeus: vingou a morte de Iphigenia. Ao côro que a maldiz e que a repulsa, responde ella com a isempção, com a altivez dos animos inteiros. Clytemnestra é a sombria figura do crime legitimado.

Foi isto exactamente o que escapou ao grande espirito de Alfieri. No seu *Agamemnon*, a amante de Egistho revela a timidez de uma mulher vulgar. Não trucida o esposo para cumprir uma lei sagrada, mas sim porque o amor incestuoso a allucina; não tem

a impavidez que vem do direito, tem a vergonha que resulta da infamia.

Io perderò l'amante; in me la vita
Io perderò: ma non per me svenato
Cotanto Eroe cadrà. Di Grecia onore,
D'Asia terror, vivi alla gloria; vivi
Ai figli cari... ed a miglior consorte!

Quando estes versos se lêem dissipa-se de todo o tragico vulto de Clytemnestra. Quem são esses caros filhos de quem ella se recorda com tanto amor antes de brandir o ferro homicida? Sería Oreste, exilado na Phocida e em poder de Strophios, Oreste repellido do lar paterno? Sería Electra, aquella mesma a quem ouvimos dizer nos *Chœphoros* que todo o seu refrigerio era chorar e gemer a occultas? Não, de certo. Esses filhos queridos são apenas uma effusão de lyrismo velando na fronte de Clytemnestra o sêllo que Eschylo lhe imprimiu indelevel.

Morto Agamemnon, o poeta grego continúa no seu crescendo implacavel. Oreste não tardará em vingar a morte do pae, a cadeia dos assassinios prolongar-se-ha mais ainda, a natureza terá de succumbir talvez ao imperioso talião; o terror congela-nos. Oreste apparece e reconhece Electra.

Dois mil annos depois, Crébillon procurará affeiçoar de novo a temerosa creação do companheiro de Pylades, e só conseguirá fazer d'elle um declamador enfurecido. Em Eschylo, o filho de Clytemnestra tem a severa austeridade do homem da justiça; fere em nome do oraculo de Loxias. «Arès contra Arès, luctemos! Direito contra direito!» Sente-se n'elle o juiz e não o algoz. É esta uma feição que até certo ponto o assimilha ao *Hamlet* de Shakespeare. Egistho é morto, Clytemnestra, arrastada para dentro do palacio, não tardará em o seguir. *Follow my mother!* diz Hamlet apunhalando o rei de Dinamarca. *As tuas mãos morreu meu pae, tu morrerás ás de teu filho!* diz Oreste assassinando a mãe.

A perturbação do côro indica a scena horrorosa que o publico atheniense não póde ver no hyposcenio. Cumprida a vontade dos deuses, a *sinistra flor dos remorsos*, como se expressa o côro, começa a desabrochar em Oreste. As Eumenides avexam-n'o — *as cadellas vingadoras de sua mãe*. Que novo quadro sairá das mãos de Eschylo? que estranhas calamidades se seguirão a todas estas? Eschylo é o inesgotavel. Quando nos parece ter tocado o extremo de qualquer assumpto, irrita-se de novo, troveja, fulmina, serpeia o seu facho esplendido por entre as multidões assombradas, aterra-as, e levanta sobre ellas a fronte, soberbo e radiante, como um astro que se ergue na immensidade. A sombra de Clytemnestra vem acordar as sacerdotizas do Destino, adormecidas junto ao altar de Apollo. Ellas levantam-se espantadas e entôam o hymno lugubre. O deus do dia expelle-as do seu templo. O quadro muda; é noite. Oreste está abraçado á estatua de Pallas que se levanta sobre a collina de Arès. É ahi o Areopago. O cortejo das furias segue-o offegante, e fariscando o odor de sangue que elle exhala. Pallas acode em auxilio de Oreste, e dá largas ao pleito. As Eumenides, ferrenhas propugnadoras do direito de talião, rejeitam quanto não for vingança. N'este embate de opiniões diversas a propria deusa vacilla. É então que institue o tribunal dos areopagitas e lhes incumbe a decisão da contenda. O resultado é a remissão de Oreste. As Eumenides, vencidas, perguntam o que será d'ellas, quebrado o poder que até alli conservavam? É n'este ponto que o poeta investe contra a velha crença da fatalidade, e a varre do coração de Athenas. As filhas do Destino acceitam o conselho de Pallas, a causa da justiça triumpha, e o povo sauda as sacerdotizas n'um côro jubiloso. A divindade cruel que pesára sobre a terra dos hellenos recúa em frente de Eschylo, os terrores intimos esvaecem-se, o doloroso fatalismo oriental cede logar ás aspirações desafogadas. A Grecia sente-se entrada no novo periodo de liberdade. *On se sent au seuil des temps scientifiques et positifs, au moment où l'homme va reconnaître les forces naturelles*, como diz Ad. Bouillet.

Esta evolução, personificada na *Orestia*, vêl-a-hemos tambem revelar-se no *Prometheu* de uma maneira assombrosa. Toda a grandeza de Eschylo está na dupla feição que elle apresenta. Sóbe para melhor illuminar, trasborda para fecundar a terra. É como as enchentes embravecidas, que arrasam e alagam tudo, mas que espalham com as suas ondas prolificas a fartura e a abundancia.

No *Prometheu*, Eschylo ostenta ainda proporções mais vastas. Prometheu é o gigante do direito crucificado por amor dos homens. Como creação não ha nenhuma outra que o eguale. O *Archanjo* de Milton, que alguem cita para confronto, esvae-se na penumbra d'aquelle colosso. Apesar de todas as suas imprecações arrogantes, o *Archanjo* é por vezes pueril.

Oh, had his powerful destiny ordain'd
Me some inferior angel, I had stood
Then happy; no unbounded hope had raised
Ambition!

Prometheu nunca diria tal coisa; Prometheu não se lamenta. A força e a violencia maniatam-n'o, e elle fita Zeus, carregando o sobr'olho. Mudo, immovel, tranquillo, sem um grito de dor, sem uma exclamação que o amesquinhe, contempla o ideal que o absorve, e sorri a tudo o mais desdenhoso. Quando se vê só no seu rochedo, é então que desafoga: «Ó planuras ethéreas, vento de azas rapidas, mananciaes dos rios, e vós, innumeros sorrisos das ondas; terra, mãe de todas as coisas, e tu, sol, cujo olhar abraça a immensidade, vinde e vêde a que os deuses me reduziram, a mim, deus como elles!»

É estupenda a altivez d'este titão; que magestoso alevantamento de palavras! O côro das oceanides, e depois o velho Oceano, vem piedosamente consolal-o. Prometheu narra-lhes a causa do seu supplicio. A historia da sua lucta em prol da humanidade é de uma opulencia inaudita. Io, a pobre victima de Hera, a que deixou amar-se de Zeus, tambem o visita, no seu caminhar incessante. Maravilha-a a impassibilidade d'aquelle coração de ferro, d'aquella natureza de granito. Interroga-o, pergunta-lhe pelo futuro, escuta-o com a avidez de quem não sabe a duração das proprias dores, e anceia pela palavra de consolação e de esperança. O gigante responde. Io descançará, em fim, das suas agitações violentas, das suas peregrinações desordenadas, e a tyrannia cairá sob a inevitavel necessidade. O mysterioso descendente de Io será o salvador de todos. Hermes vem por ordem do proprio Zeus saber o nome do que deve succeder-lhe; Prometheu resiste ás supplicas e ás ameaças com a impavidez glacial. Quando o raio desce a fulminal-o, elle, o filho de Themis, encara ainda o ceo, exclamando: «Ó ceo, luz commum onde gira a immensidade, vêde o que eu padeço pela justiça.»

Toda a soberania do *Prometheu*, d'essa tragedia strictamente *simples*, segundo a definição de Aristoteles, toda a soberania do *Prometheu* está na imperturbavel inteireza do seu animo e no tamanho cyclopico da sua estatura. O Caucaso é-lhe pequeno leito, e quando a terra se abala nos fundamentos e as tempestades fusilam, primeiro treme o rochedo que o coração do gigante. Prometheu é o direito — a recta immensa que se prolonga pelo mundo. Não ha demovêl-o, não ha curval-o, permanece immoto.

Eschylo talha as suas estatuas rudemente. Elle pro-

prio é de um caracter selvagem. Não sabe o que são os caminhos floridos nem as transições suaves; é exuberante, incisivo, arrebatado, de uma severidade terrivel, incapaz de subordinar o talento a qualquer jugo, indomito, feroz, leonino. *Eschyle est magnifique et formidable; comme se l'on voyait un froncement de sourcil au-dessus du soleil.* Quando se acabam de ler as suas tragedias, vacillâmos sem saber o que leremos depois. O proprio Homero não tem, ao que me parece, aquella desproporcionada grandura. Ha n'elle mais do homem e menos do titão, e embora o proprio Eschylo diga que jantava as sobras dos grandes banquetes de Homero, não sei que na *Illiada* haja aquella magestade prometheana, aquella formidavel simplicidade que encontrâmos nas suas tragedias. Nos *Sete contra Thebas*, o tom épico é de uma furia incomparavel. Por isso Aristophanes põe na boca do poeta estas palavras: «A minha tragedia dos *Sete Chefes* estava cheia do sôpro de Arês: fazia heroes!» Ha n'ella, de facto, uma tal energia, um tal ardor de inspiração, uma tão grande vehemencia de estilo, um tão subido arrojo de imagens, que não sabemos de pagina alguma de epopéa onde a centelha descesse com brilho mais vivo e com maior intensidade.

Eis, resumidamente, o que a leitura de Eschylo nos suggere; apesar do tempo, admirâmol-o sobre todos. Da sua propria braveza rebentam a espaços os mais suaves transportes, como nas brenhas selvaticas se levantam as mais graciosas flores.

Eschylo é a natureza virgem. Os promontorios erguem-se, duros e monstruosos; os oceanos desdobram-se, rugidores e inquietos; as selvas emmaranham-se, copadas e robustas; os cedros aprumam-se, inflexiveis e gigantes. O olhar pasmado contempla a força d'esta creação primitiva, a solemne magestade d'este quadro. Pouco a pouco, no ouvido, começam a resoar os murmurios de uma toada ineffavel, os sons de um canto desconhecido. De tudo isso que nos rodeia e nos assoberba transpira como que um perfume acre, como que um anhelito sublime. Emmudeceram as rajadas violentas, calaram-se os susurros dos valles, desmaiaram os fogos no horisonte; a natureza repoisa e suspira. Tal é Eschylo. Naturalmente bravo e inculto como as serranias, aterrador como o oceano, furioso como o vento, irrequieto e insaciavel como a fera, nos seus momentos de descanço deixa affagar-se pelas primaveras, e desafoga o coração em melodias incomparaveis. «Ó soberano Zeus, diz elle n'um côro dos *Persas*, eis o estado em que jazemos. Susa, Ecbatane, as duas grandes cidades, tu as cobriste de lucto, tu as envolveste na sombria obscuridade. Por toda a parte as mais delicadas mãos rasgam seus véos, e as lagrimas orvalham os seios, as lagrimas da tristeza. Essas ternas mulheres da Persia como poderão rehaver os tempos de outr'ora? quem lhes dará os homens que as amavam? A camara nupcial, o thalamo, os cortinados de tanta volupia, as fragrancias da primeira embriaguez, tudo ellas perderam, e por tudo choram lagrimas sentidas!»

Estes são os desafogos de Eschylo, estes os seus suspiros maviosos. Vivendo n'uma epocha de paixões ainda varonis, creado na profunda philosophia de Pythagoras, afeito ás inclemencias da guerra e ás provações de uma existencia tempestuosa, os sentimentos brandos deviam de ser pouco triviaes n'aquella alma; todavia, não deixa elle de os acolher por vezes, no mais intimo, e de suspender o vôo audacioso para poisar entre flores agrestes mas perfumadas.

Tal é o maior homem do theatro na antiguidade. Vinte seculos depois apparecerá aquelle a quem Deus destinára o legado de Eschylo. Esse homem é Shakespeare.

Tratemos d'elle agora.

(Continúa) E. A. VIDAL.

A AMBIÇÃO

Ambire significa girar em volta de um objecto. *Ambitus* indica o movimento que se descreve por esta acção. Tal é a etymologia da palavra *ambição*. Os romanos chamavam *ambitiosi*, ambiciosos, aos intrigantes que circulavam nas assembléas populares para conseguir os suffragios, como ainda fazem hoje certos individuos por occasião de eleições; e a este manejo dava-se por consequencia o nome de *ambitus*.

Quando se dê o nome de ambiciosos a alguns pobres homens que se amofinam e consomem para chegarem a ser membros de uma assembléa legislativa, de uma municipalidade ou de uma academia, com maior razão se deve dar aos homens que, á frente de exercitos numerosos e aguerridos, tem percorrido o globo e mudado a face do mundo. A importancia do fim e o poder dos meios estabelecem, sem dúvida, differença entre uns e os outros, mas as acções d'estes homens tem a mesma origem. Uns e os outros desejam egualmente o poder. Cesar, quando exercia a dictadura, não era mais ambicioso que tal auctoridade subalterna, que não trocaria de bom grado o primeiro logar na sua aldeia pelo segundo na primeira cidade do mundo.

Dá-se geralmente o nome de ambição á cubiça de grandezas. Que singular contraste entre essas grandezas e as baixezas a que descem os ambiciosos para alcançar o que desejam! Um lord não se envergonha de ir beber á taberna, onde os homens do povo, que lhe hão de dar votos nas eleições geraes, se embriagam á custa d'elle. E a que desgostos e sacrificios se não expõem, por assim dizer, annualmente, esses pretendidos amigos do povo, que muitas vezes só conseguem a honra de servil-o para terem occasião opportuna de trahil-o!

O desejo de adiantamento é ambição. E n'isto póde haver, todavia, nobreza. Um alferes deseja ser capitão para commandar a companhia, como um capitão deseja ser coronel para commandar o regimento. Um aprendiz deseja ser official na sua profissão, como o official desejaria ser mestre, e este chegar a ser proprietario de uma fabrica ou de uma officina.

Ha ambição até entre os que parecem mais indifferentes para o que desejam. Tem, comtudo, estes o artificio de dissimular o sentimento que os demais não occultam, ou, antes, como a raposa da fabula, mostram desprezar o objecto a que não podem chegar. Estes homens julgam-se sem ambição, mas porque não encontraram ainda opportunidade de manifestal-a. Appareça a occasião e ver-se-ha.

Amyot deveu a elevação ao talento. Nomeado por Henrique II preceptor dos infantes, contou Carlos IX entre os seus discipulos. O rei que auctorisou os abominandos morticinios de S. Bartholomeu prezava as boas letras, gosto que parecia dever ser incompativel com a crueza, e não foi nunca ingrato para com o mestre. Amyot foi successivamente nomeado por Carlos IX esmoler-mór de França, abbade de Saint-Corneille e bispo de Auxerre. Vagára uma abbadia de pingues rendas, e Amyot pediu-a. — Pois não lhe basta a riqueza que tem! N'outro tempo, disse-lhe o rei, assegurava-me que a sua ambição se limitaria a mil escudos de rendimento. — É verdade, senhor, mas *o appetite augmenta-se comendo.*

Esta phrase explica muitas fortunas. Quem poderá saciar os individuos cujo appetite cresce á proporção do que vão comendo? Era assim o temperamento de Cromwell. Depois de tragar a realeza devorou a republica.

Cromwell reinou. A Europa inclinou-se perante a sua fortuna. O mundo preza os felizes. Mas por que preço estará a felicidade de muitos?

É licito o desejo de governar os homens quando esta ambição se encaminhe para o bem geral. B. A.